

POÉTICO

César Monteiro Fausto

Solo POético

Outubro,1850

Joaquin Fausto, português viúvo, acabara de comprar terras no interior de Pernambuco, talvez investisse em cana de açúcar ou plantações de café. Comprara a fazenda com tudo que havia nela: bois, cavalos, carros para trabalho e escravos. O então administrador da fazenda Chico Serra cuidou logo em mostrar-lhe as terras, as benfeitorias e como tudo funcionava, só então foi conhecer a nova casa, seus cômodos, moveis e como era à vista de dentro e fora, os que trabalhavam na casa e quais seus afazeres. Após isso decidiu continuar sozinho, caminhar por outros lugares, ali por perto mesmo. Quase tudo o encantava, mas outras lhe tiravam o fôlego.

Como uma sereia de água doce

Cantando na beira do rio

Foi quando minha alma quebrou-se

Meu coração se partiu.

Meus olhos perderam o fôlego

Meu peito logo segou

Minha boca já não batia

Meu sangue todo parou

Te amei à primeira vista

Só não pude te tocar

Que seja recíproca essa conquista

Que tu também possas me amar.

Após vê-la banhar-se no rio, escondido, saiu desnorreado não por ver uma mulher nua, mas por ver despida a perfeição feminina, pérola negra sem a concha dos tecidos, pele, curvas, sorriso, impiedosos lábios, era seu patrão talvez seu dono. Pensou em voltar e tomá-la à força, ele a queria a desejava, mas desse modo nunca a teria de verdade, por inteira, como ela realmente era, linda e grandiosa. Voltou para casa e procurou saber quem era. Qual seu nome? Sua história? Seu tudo.

Foi pega a dentes de cachorro

Cassada como um animal feroz

Como fora aprisionado um povo

Assim ela apareceu entre nós

Mal falava nossa língua

Hoje está uma moça feita

Preta como a África de onde é vinda

Linda como uma joia negra.

Nessa hora em meio a intermináveis questionamentos Preta surgiu ao longe, na visão de uma das janelas, trazia roupas lavadas, o corpo ainda úmido e cheiroso coberto por roupas desbotadas, o sol ardia lá fora como a febre que queimava seu peito, pede que a mandem ir para o quarto dele e sai por um momento. O recado é dado, as roupas caem no chão, Preta sabe que ele há viu no banho, percebeu quando ele já se retirava, mas teria que ir e foi com todo medo em sua mente, foi.

Preta temia um estupro
De mais um branco nojento
Tremula em prantos e soluços
Previa dilacerações e tormentos

Outro poderoso canalha
Que abusaria do poder
Que usaria da força e navalha
Em mais um podre querer

Mas hoje seria diferente
Preta estava decidida
Lutaria com unhas e dentes
Com toda dor de sua vida.

A porta é aberta, Joaquim entra, Preta não o olha.

Meu nome é Joaquim, você já sabe
Só não sabe o que fez comigo
Com este homem da cidade
Completamente enlouquecido

Atravessei mares e colinas
Tive amores e os perdi
E hoje quando te vi
Nafraguei em pleno cais

Não tenhas medo minha preta

Não me tenhas por covarde

Te quero por inteira

Não apenas a metade

Se quiseres minha preta

Libertar-me desta ânsia

Deixa-me ser teu preto

Sobe essa lua que vem mansa.

Sei que a força te teria

Mas não quero apenas tua carne

Quero minha alforria

Que eu te sinta de verdade

Não sou teu dono

Sou teu escravo

Perdi a liberdade e o sono

Virei cativo de teus lábios

Quero a pele e a poesia

A simetria e os olhares

Quero a noite e todo dia

Teu amor tua amizade

O medo virou rizo
Uma ponta de esperança
Ante algo tão bonito
Sentiu ela confiança

Um laço para o amor
Que ali então surgia
Em terras de suor e dor
Brotava a flor da poesia

Preta rendera-se aos versos
Aos lábios deste poema
Ele um réu confesso
Ela em face de um dilema

Em tempos de escravidão
Racismo e preconceitos
Preta voltava a ser rainha
Das rubras terras do peito

Preta Fausto de hoje e diante
Ficou assim conhecida
Olhos negros brilhantes
Filmavam a morte e a vida

Joaquim escreveu uma história

Preta gerou uma família

Traços físicos que a memória

Vencera os anos e as milhas

Com a união de Joaquim e Preta tudo mudou naquele lugar, algumas pessoas não viram com bons olhos aquele casal, mas isso pouco importava, estavam felizes e a felicidade era tanta que transbordava, os escravos foram libertos, pois o amor liberta, do ódio, da solidão, do racismo, agora eram trabalhadores livres, pouco remunerados além da comida, mas já não havia correntes nem chicotes, e assim foram formadas as plantações de café da Família Fausto, os cafezais da Família Figueira, cafezais que anos depois dariam a Brejão o título de melhor café do Brasil. Preta além de ter influenciado na libertação dos escravos daquela fazenda também doou terras para as famílias construírem suas casas, onde hoje em dia é o Sitio Lagoa do Arroz, onde iniciou a comunidade Quilombola Curiquinha dos Negros. Casas de pau a pique, madeira nativa, barro que ali havia, massapê ou vermelho, preenchendo as costelas magras das armações de madeira e palhas como cobertura, formando uma pequena comunidade a qual virou referência para homens e mulheres negras, livres ou fugitivos que passavam por ali, talvez indo para o Quilombo dos Palmares, podiam ser livres e havia trabalho o que garantiria o sustento da família, eram excelentes trabalhadores geneticamente fortes e agora eram remunerados.

O único filho de Joaquim e Preta, José Fausto de Araújo Veras, ganhara a patente de capitão e isso contribuía ainda mais com a paz da comunidade. O Senhor Pedro Alves dias seguindo a tradição da família havia montado o Engenho Sambaíba nas terras vizinhas e também precisava de trabalhadores, mão de obra barata, ainda explorados, mas eram livres. Alguns plantavam lavouras com a permissão dos donos das terras e depois repartiam os lucros chamava-se: plantar de meia; outros ganhavam para vender ou trocar o que se havia produzido, escambo.

Preta amou e foi amada, foi odiada e querida, foi a Rainha de Sabá de nossas colinas, poesia negra de rimas raras, cabelos como versos que não se calam, crespos como estrofes que não alisam...

Preta na varanda a ouvir

O coração e os ventos

Já tarde meu preto a vir

Galopam seus pensamentos

Pelo som que faziam

Os cascos dos cavalos

Preta logo sabia

Se era seu amado

Passadas ligeiras

Macias, picadas.

De um cavalo baixeiro

Uma égua manga larga.

Preta, da pele preta
Mãe, como a África
Em tudo perfeita
Tua história me abraça

Eu te visito em versos
Nas rimas do tempo
Nos filhos que te empresto
Nas bocas que me alimento

Neste livro de poemas
Que é nossas vidas
De amores e dilemas
E de páginas não lidas

Setembro 1985

Essa história continua

Carregada de riquezas

Com o bisneto dessas luas

Zacarias Fausto Bezerra

Que um dia viu a miséria

A morte o nojo a fome

No lugar de comer-lhe a terra

Quem comeu a carniça foram os homens

A vaca ali enterrada

Por eles foi consumida

A fome não escolhe a cara

Ama o que lhe cala a barriga

O que a fome faz com o homem

O racismo com um irmão

Sobra choro, humilhação

Falta amor e o que comer

Pela manhã já se ouvia os comentários, os negros da Sambaíba desenterraram a vaca de seu Joaquim e levaram a carne para comer.

Só sabe, o homem que tem fome.

Que tem filhos sem comida

O que olha nos olhos

Do brilho amargo da vida

O que desce ao ventre apodrece

Pior é o que sai podre da boca

Que humilha e entristece

Berros de uma vaca louca.

Zacarias Fausto Bezerra (meu pai) filho mais novo de Joana Bezerra e Joaquim Fausto Sobrinho, neto de Preta, ainda cultivava plantações de café e gado de leite, casado com Guiomar Monteiro, minha mãe, eram pais de quatro filhos, Silvano, César, Fernanda e Diana, moravam ao lado da casa do pai como é costume no interior. Zacarias ao ouvir os boatos sobre a vaca morta ficou triste, o que os levou a fazer isso? Eram pessoas alegres, alguns trabalhavam na fazenda, só havia uma maneira de saber, pôs-se a caminho da comunidade, ao chegar à Lagoa do Arroz onde morava Benedito, homem mais velho daquela comunidade quilombola que tivera nove mulheres, a última engravidou quando ele tinha cento e cinco anos, metade do quilombo eram seus descendentes da época de Preta, a outra eram de famílias que ao longo do tempo encontraram ali um lar, uma família, um refúgio.

Benedito não havia participado daquele episódio macabro, mas sabia quase tudo que acontecia e porque acontecia naquela comunidade.

Benedito:

- A fome anda por essas terras meu amigo, não há serviço para todos, somos esquecidos, aí fora somos maltratados, mal vistos, mas não somos ladrões, a carne era de vaca morta para matar uma fome viva, pegaram o que foi jogado fora.

Zacarias:

- Benedito meu amigo, somos parte desta história e hoje ela será reescrita, disse isso com os olhos cheios d'água, diga as todas às mães que tenham crianças pequenas que a partir de amanhã, pela manhã lá na fazenda, eu estarei à espera, darei leite a todas nem que não me sobre nada, fato que ocorreu algumas vezes e que aquelas famílias jamais esqueceriam.

Às seis horas do dia seguinte várias mulheres chegaram ao curral, onde as vacas eram ordenhadas, felizes, desconfiadas, será mesmo que é de graça, sim a partir daquele dia elas teriam leite todos os dias, até que algo mudasse...

Fez novas plantações de café dando emprego a mais famílias, tudo que Preta fez e faria, seu bisneto Zacarias em sua época também o fez, era amigo, irmão, amante, de sangue negro como o deles.

Certa feita o combinado, mutirão naquele sábado, construção de mais uma casa, a de Mateus Barbosa, sete e meia, hora marcada, deu início aos trabalhos.

Homens mexendo o barro

Negro daquele chão

Amassando com pés descalços

A negra massa em construção

Enchendo de amor os espaços

As costelas da casa, o vão.

Portas, janelas, esquadros.

Quarto, sala, coração.

Um lar, um corpo

Do mesmo massapê

Filhos do mesmo sopro

Que faz a casa se erguer

Após a construção da casa, havia dança no interior dos cômodos, além de ser uma comemoração pelo fim dos trabalhos, servia também para pilar o chão de terra, se um dia Preta foi a Mãe daquele povo, hoje seu bisneto Zacarias era um Pai, vivia com eles, uma figura presente em qualquer situação, nas necessidades ou na alegria que levava onde quer que chegasse.

FESTA DA ACABAÇÃO

As plantações de café geraram trabalhos para quase todas as famílias, os homens plantavam, limpavam as terras, transportavam nos carros de bois os sacos cheios de café que as mulheres e meninas apanhavam, e assim como um ensaio para a grande festa com seus balaios nas cinturas, cantavam por terem trabalho e para amenizar a fadiga, era um estímulo para a lida, o trabalho pesado parecia suave, no final quando o carreiro chegava com a última carga, e todo café era medido e pago a cada família segundo a quantidade que haviam colhido, após semanas de trabalho, e então com todos felizes, começava a tão esperada festa da acabação, todo ano era assim em várias fazendas da região, após a colheita, o dono dava uma festa para os trabalhadores e amigos, com muita dança, músicas, bebidas, cachimbo era o nome da principal bebida da festa, mistura de mel de uruçu tirado do cortiço da fazenda e cachaça, cana de cabeça trazida nos lombos dos burros, de engenhos distantes pelos tropeiros amigos do vaqueiro Batinga, outro preto querido e respeitado por aquelas terras, adestrador de cavalos, destemido na lida com os animais, morador do Sítio Macuca onde morava com alguns familiares os quais formariam mais tarde a comunidade quilombola Batinga.

Oi pega no galho
E puxa o café
Mãe preta mulher
Com o fruto na mão

Acabação, acabação
Hoje vai ter festa
Festa de acabação

A corda e o balaio
Em tua cintura
Catando e cantando
Nos eitos da vida
É ouro negro
Minha Curica e Batinga

Cantigas, toadas
D alguém que já foi
Meu carro de boi
Cantando na estrada
É ouro negro
Vamos seguindo a jornada

Carreiro encantado
Por ruas de areia
Sertão lua cheia
No meu povoado
É ouro negro
Meu quilombo sagrado

O corpo é escravo da morte
Até que a alma lhe de alforria
Deixou viúva e quatro filhos
Apagaram a luz de Zacarias

Dando espaço para o machismo
Reerguer nova senzala
Guiomar flor de seus cílios
Foi covardemente assassinada

16

Após a morte de meus pais aos doze, treze anos de minha vida, tive cortado não só o cordão umbilical, tive os sonhos dilacerados...

O machismo atirou contra seu peito
O veneno o ódio o chumbo
Mesma munição que o preconceito
Tem disparado em nosso mundo

Imundo mundo moribundo
Teus rios viraram latrina
Tuas mães tratadas a murros
Por homens estupradores de meninas

A poesia nos olhos negros de preta eu sentia que em meu sangue se agitava, questionei a Deus, briguei com o mundo, com os colegas de bairro onde fomos morar, no Conjunto Residencial Jardim da Praia em Casa Caiada, Olinda Pernambuco, onde a família de minha mãe residia, Edifício Ébano, segundo andar, de uma comunidade negra para um edifício de nome negro, não eram coincidências eram evidências, com minha avó, tio e tias tive contato com outros princípios, boas músicas um outro olhar, mas confesso que fui uma pessoa difícil de se lidar, de se domesticar, cavalo selvagem que não aceita rédeas, um jovem revoltado, peço desculpas a todos, mas minha selvageria era necessária, o sangue nas veias preferia esvair-se na morte, mas nunca mais voltaria a qualquer tipo de senzala, a morte de meus pais quebraram as correntes do medo da sensatez talvez, uivava dentro de mim um lobo sedento de vingança em noite de rebeldia.

Conheci aos treze anos a cultura negra, a negra ciranda a Negra Maracatu que deflorou meu corpo meus olhos meus ouvidos, em ritmos ardentes, tambores silenciosos e no sobe e desce dessas ladeiras descansei no frevo, à sombra da pitombeira, madeira que cupim não rói e elefante não pisa, das rodas de coco virei capoeira, mas ao ver na ribeira os lábios grossos daquela preta poesia, quis ser seu poeta e os versos que escrevemos naquela noite geraram poemas para a vida inteira...

17

A casa já não me cabia, quem eu era? Qual o meu canto? Fui morar na favela, no morro, entre peixinhos e aguazinha, numa casa de santo, onde os búzios disseram quem eram os donos de minha cabeça, és filho de ogum deus da guerra tua mãe é oxum deusa da beleza e do ouro, fui batizado era filho da casa e passei a morar nela, onde conheci a história dos orixás, o Pai de santo ou zelador de santos era escritor e seu filho poeta, passávamos noites discutindo literatura, cinema, música e bebendo a madrugada.

1997

O mundo dá voltas, voltas do mundo camarada, aos vinte e um anos regresssei de súbito à terra natal, pendências na herança haviam terras a serem reclamadas, mas tudo estava diferente, não havia a magia guardada em minhas lembranças, muitos acharam que fui atrás de vingança, talvez tivessem razão, agora eu era um filho da guerra, já havia escapado de chumbos ainda alojado em meu corpo, tiro que me fraturou a vertebra mas calcificara-se o osso, tiroteios no morro, na favela, mortes na invasão, beco do condor onde a dor ficou e foram-se meus amigos, nas bocas, nos becos, nas vielas da vida, de onde eu sempre me saía, era gente fina segundo a rapaziada, cruzei todas as fronteiras parceiro da noite, amante das madrugadas, onde a polícia nos parava a cada esquina, pretos pobres empunhado violões, folhas escritas no bolso, poemas em guardanapos e outros papeis, revirados e não lidos pelos policiais,

Mas agora as pedras se encontrariam, a morte que me tirou o brilho do olhar também me dera o capuz da coragem, estava na terra dos escarnecedores, de homens que matavam mulheres, de irmão que matava irmão, de amigos que se esquartejavam, de pistoleiros, hecatombe, emboscadas.

Enquanto não nos encontrávamos a vida seguia seu curso, morei em tantas casas, como disse Renato, mas delas me lembro bem, principalmente dos moradores, amores, dores, passado presente, todos em uma só voz recordavam de meu pai, diziam que aquele lugar havia morrido com ele, a família me acolheu a comunidade me abraçou, como a um irmão que chega de viagem, um filho que volta da guerra ou para ela, relembramos histórias encantadas da infância, travessuras incontáveis, outras poéticas de quando eu enchia as garrafas de vidro com leite e as tampava com sabugo de milho, revi as garotas que iam buscar leite para seus irmãos pequenos, elas hoje mulheres formosas, eles rapazes musculosos, éramos novamente a história, que a partir daqueles dias em uma só se tornariam, entre amores e conflitos, uma longa história.

2001

Finalmente o grande dia, o acerto de contas, estrada deserta eu ia, e por ela vinha meu tio, homem que matou minha mãe, eu o reconheci e o reconheceria sempre, quem eu era ele não fazia ideia, barbas negras agora vestiam o roto daquele garoto, o deus da guerra, da espada ou o Deus da paz, quem realmente seria o dono de minha cabeça, de minha alma, vingança ou perdão, quem a partir daquele momento eu me tornaria, a metamorfose urgia, o prato da vingança estava ali, frio e posto à mesa, um golpe de surpresa e o almoçaria, e outro e outros...

Era o que esperavam que eu fizesse, vingar-se é tão simples, às vezes tão fácil, mas eu disse NÃO, me fiz piada entre os homens.

O sangue de um Deus negro em uma cruz me libertou da senzala do pecado,
E a partir daquele dia eu me tornei um homem livre.

Janeiro 2016

Comunidade quilombola Curiquinha dos Negros, sítio Lagoa do Arroz Brejão - PE, chão de meus antepassados e descendentes, onde nasci pelas mãos de Quitéria, preta parteira, hoje com 111 anos, e onde tenho meus pés no chão, coordeno o centro cultural quilombola Curiquinha dos Negros Pedro Alves Dias, cenário do documentário Redemption Song, canto de redenção, realizado na África, Itália e aqui no Brasil em nossas comunidades quilombolas Curiquinha dos Negros E Batinga, sobre a escravidão e a imigração dos povos negros, o qual foi recentemente premiado em vários festivais internacionais entre eles o de Milão Itália, 2016.

Eu enquanto representante municipal de cultura havia intermediado junto ao prefeito de Brejão o senhor Ronaldo Ferreira de Melo que também é negro e neto de escravos, a vinda da equipe Italiana Agnese Ricci artista plástica que realizou um laboratório de pintura com as crianças Quilombolas, estas pinturas foram apresentadas em uma exposição em Roma- Itália e Cristina Mantis atriz considerada uma das maiores cineastas do mundo e o Africano da Guiné, Cissoko Aboubacar, protagonista do documentário.

Em ocasião das filmagens declamei alguns poemas meus que foram incluídos no documentário, eram poemas sobre minha comunidade, a beleza negra em forma gênero e cor, o orgulho de minhas raízes, da luta que ainda travamos para que nossos irmãos e irmãs sejam definitivamente livres dos estupros e dos chicotes de alguns coronéis, por isso meu poema existe e a capoeira insiste como uma forma de resistência, ensinamos a dezenas de meninos e meninas quilombolas a arte da capoeira, nossa história e cultura, sobre o que há em nossas raízes e veias, nossas crianças contagiaram os grades mestres da capoeira e em agosto deste ano sobre a coordenação dos mestres Ferrugem e Sapão do grupo Ginga Brasil que ministra as aulas em nossa comunidade através do professor cacheado, foi realizado em nosso quilombo um batizado e encontro com mais de trezentos e cinquenta capoeiristas de todo Brasil. Esta é minha parte nessa história, minha visão de mundo,

Meu olhar POÉTICO.

Olhar poÉtnico

Amálgama
E se forem crespos?
Cacheados, pixains?
Viva as negras dos Batingas
Viva as negras do Bonfim.
E se forem rastafári
Lisos ou transados
Nossa origem nosso garbo
Amálgama arte do amor.

Ao dizeres de cor
Eu me encho de orgulho.
Se um dia cantei de dor
Hoje canto de alegria
Minha raiz tem valentia
Sobrevive em solo duro.

Sou didático sou escuro
Fiz do açoite a poesia
Do chicote o berimbau
Das pernas meu arsenal
Quando a capoeira fervia.

Corre a mata é fechada
Corre, corre, hoje é de pedra
Viva as negras da baixada
Viva as negras de minha serra
Viva os negros do Haiti
Salve os negros da Itália

Do que mais teremos que fugir
Preconceito, guerra, fome.
Salve os homens de outros homens
Salve deles, nossa terra...

As apanhadeiras

As apanhadeiras de café
Nos cafezais de meu avô
Descendiam da negra mulher
Onde minha história começou

Arvore de onde brotam meus versos
Os lábios grossos de minha poesia
Nas linhas negras deste universo
Virei poeta um dia

Filho de uma negra e seu canto
Alma e beleza em simetria
Não sei se dos malês ou bantos
Sei que ninguém a resistia

Preta

Quando preta desce o quilombo

 Ou as escadarias do morro

 o asfalto a passarela o povo

 para pra lhe ver passar

 pra lhe ver cantar

 pra lhe ver sorrir

 ou tão somente sentir

 perfume de preta no ar

 o jeito de preta andar

 declamar poesia

 dançar ciranda com lia

 angola na beira do mar

Minha negra, é preta

Minha negra é preta, escura.
Linda como o ébano.
Tem a cor de toda alma.

A minha preta é negra, escura.
Rara como o cedro.
Tem a cor de todo sangue.

A minha escura é meiga, diferente.
Perfumada como o sorriso
Tem a cor que enlouquece a gente.

Negra fulô (homenagem a Negra Fulô) Abelardo Germano da hora.

Como quem veio da África
E por aqui se apaixonou.
Na mesma hora em que te vi
Também te amei... Nega fulô.

Teus lábios, tua geografia
Distribuída matematicamente.
Toda lógica. Toda física...
Química dos remanescentes.

Tua voz, teu canto, teus encantos.
Tua pele, teus olhos, teus dentes.
Tua luta, tua dança, teu pranto.
Teus costumes, tua história, tua gente.

Filhos da mesma negra

Somos filhos da mesma negra.
Tirados do mesmo massapê.
Amassados pelas mesmas mãos.
Formados pelo mesmo ser.

Como se mistura a massa
como se amassa o barro
Nós nos misturamos, nos amassamos,
Quebramos a regra e o compasso.
Entre beijos e amasso nos reinventamos.

Juntamos as cores, os corpos.
Lábios e continentes.
Viramos arte, pinturas dos povos.
Somos afrodescendentes.

Negra roupa

Teu sorriso enche minha boca,
Meus olhos, tua formosura.
A lycra de tua negra roupa.
A seda de tua pele escura.

O timbre de tua voz rouca.
A força em tua musculatura.
E essa alegria sempre solta
Mesmo quando à vida impõe censura.

Se te golpeiam com verbos
Eu te afago como um sábio
Com a alma dos meus versos
Na gramática de meus lábios.

Teu negro sou eu

És muito mais que uma mulata
Muito mais que um ritmista.
És ferrugem em meu coração de lata
Marcando passo em teu sambista.

Peito quilombola igual ao teu
Alfaia batendo um maracatu.
Gritando, teu negro sou eu!
E mais alto, minha preta és tu!

Com teus tambores de coco
Teus cabelos enrolados.
Amo a ginga de teu corpo
O azeite em teus lábios.

Preta parteira
Quando a negra Luiza
Quitéria parteira
Do quilombo da curica
Naquela sexta feira

Me pariu com minha mãe
No final de outubro
Me aparava neste mundo
Em minha queda primeira

Quantas negras Luiza
Quantas quedas neste chão
Quantos braços e mãos amigas
Quantos negros meus irmãos

Lembranças

Lembro os britos, Benedito
pai do quilombo
Me erguer sobre os ombros
Vavá e anunciada

Luiza de coca
Quitéria Duvirgem
A preta santa
O menino Tinoco

E quando à tardinha
As risadas de Jorge
A pequena nininha
As visões de Nerí

De que no lugar que nasci
Os mortos não morrem

Serras dos batingas

Como fruta madura
Num pé de jabuticaba
Tendo a pele toda escura
Tanajuras sem asas

Azeitonas que se perderam das índias
Vindas do solo da África
Hoje nas serras das Batingas
São princesas monarcas

Crioulas faceiras
Senhoras de si
Cujo sangue nas veias
Também corre em mim

Quilombos de meu peito

Dos Quilombos de meu peito
Onde refúgio minhas esperanças.
Trago a cor, a força, o jeito
De quem lutou desde criança.

Andei por entre os cafezais
Como folhas secas destemidas.
Sou resistência, liberdade.
Guerreiro de mãos limpas.

Dei rasteira no preconceito.
Sou negro sim sinhô.
Capoeira quilombola
Quebrando as correntes da dor.

Sou curica, sou batinga.
Sou palmares, sou irmão
Da África, mãe antiga
Dos mocambos de Brejão.

Solo sagrado

Massapê é negra massa
a massa negra do chão
que enche as costelas das casas
de quilombo e mansão

massapé é solo sagrado
rainha negra de Sabá
barro que liga presente e passado
e quis Deus, um dia modelar

Gerar filhos semelhantes
Como um dia concebeu
De línguas e barros diferentes
Coloridos, como você e eu

Cantares

Entre as milhares de Salomão
Preta era rainha
Sabedoria e sedução
Tudo ela tinha

Musa dos belos cantares
Orquídea negra do deserto
Virgens cochas como pilares
Templo de um amor confesso

Minha amada Sulamita
Da me o vinho de teus seios
De tuas uvas magnificas
Negra taça de meus anseios.

Negra massa

Meu peito é alfaia em tua canção.
Sons e batidas que ecoam na alma.
Tons e pisadas descalças no chão.

São negros nos mares roubados da África.
Negras senhoras seguindo a marcha
Com dentes de marfim e cabelos de prata.
Massapê é negra massa esculpida com as mãos.

Riqueza da aldeia no canto da tribo
Apenas guerreiam pela liberdade
Nos cachos da noite e de um sol esquecido
Anseiam a aurora o raiar da igualdade.

Em preto branco

Teu cabelo sarará
De além-mar vem surgindo.
Poema em preto e branco.
Cafuzo, Negro e Índio.

Tua tez de canela
Tem o tempero da negralidade.
Misturas de barros e nesta panela
Foi fornida a humanidade.

Arco-íris de solos e pessoas
De cores distintas e belas
Onde a voz de cada tom ressoa
No brilho único dessa aquarela.

Olhos negros

Dois olhos negros.
Dois segredos. Duas verdades.
Dos lagos. Dois espelhos.
Dois pumas selvagens.

Dois diamantes.
Mil desejos...
Um milhão de beijos
E um infinito de possibilidades.

Dois cisnes.
Dois lábios vorazes.
Duas línguas distintas.
Duas tintas e a mesma imagem.

Poema negro

És um poema negro.
Profundo, selvagem
Como os fios de teus cabelos
Versos de fúria e coragem

És um poema...
Denso, preciso, musculoso.

Poema de etnias.
Um poema guerreiro,
Na cor, na alma, na poesia;
No tiro de um olhar certo.

Flores do monte

Flores do monte
Morro dos prazeres
Alfaias e turbantes
Cachos e gonguês

São negras flores coloridas
Como a arte amálgama vida
Uma canção percussiva
Canto que não se pode esquecer

Belas negras, flores coloridas.
Dançando ao som, do pulsar, das batidas.
Cantando a História, o riso, o choro,
Nosso tesouro, mulheres de fibra.

Negra sou

Negra sou
Preta que não se disfarça
Passista, Monarca
Negra eu sou

Estilhaços de amor
Que corta e sangra
Que sonha e ama
Sou nega fulo

Que o artista da hora
Esculpi-o em cerâmica
Essência e dinâmica
Da negra que sou

Talhada em bronze
Barro ou madeira.
Mas minha alma guerreira
Ninguém modelou.

Curvas negras

Em baixo das curvas negras
De teus cabelos cacheados
Me enrolei como as madeixas
No volume de teus lábios

Militei nas tuas causas
Teus tropeços e conquistas
Atirando minhas palavras
Nas trincheiras da injustiça

Fui teu homem teu amigo
Teu refúgio lá no morro
Pra que todos os cativos
Tenham o pensamento forro

Orgulho de ser quem somos
Nossa cor nossa alegria
Não temos escravos nem dono
Hoje somos poesia

O que a preta tem

Quer saber o a preta tem?
Primeiro saiba que,
Somos negros também.

Sabe por que preta chora?
Por que seus filhos riem,
Quase a ignoram.

Ainda assim preta canta
A canção da liberdade,
De quem na luta se fez santa
Esperança e lealdade.

Mãe preta

O leite branco
De mãe preta
Nutriu a criança
Da mãe morta

O colostro da esperança
Nos mamilos da senzala
Fartos seios pretos
Em sedentas bocas claras

Almas sem preconceitos
Seres iluminados
Coloridos perfeitos
Miscigenados.

Ó moça
cuja a pele a condena
cuja as leis e sistema
a julga e despreza

ó moça
princesa esquecida
as vagas da vida
querem te afogar

mar...
teu destino salgado
sobre o meu tens desabado
como tantas vezes desabei

ó moça...
que não se aceita abatida
que não se entrega e luta
que não és santa nem puta
me ensinaste a amar

ó moça...
cuja a cor me fascina
e a pele me incendeia
há teu sangue em minhas veias
tua dor em nossa história

Alma incolor

Peles negras
Vestem suas almas
Do sol dos homens
Que tanto as agridem.

Estupradas desde ontem
Quando a senhores e cobiça.
Por caras e cores
Depois de paridas são abortadas.

Pelo sangue vermelho
E alma incolor.
Padecem a cor
De apenas a morada.

Não somos mercadorias

Não somos mercadorias de brancos.
Já não temos que servir de escravos.
Somos bem mais que um corpo.
Bem mais que objetos de escárnio

Subimos a vista, o morro.
Enfrentamos a artilharia
Dos feitores de hoje em dia.
Lei separatista em farrapos.

Nossas negras não estão em leilão
Seus corações possuem alma.
Contrarias aos ladrões da nação
Os senhores desta senzala.

Negrito

Vieste à terra em negrito.
Destacada no contexto humano.
Silenciando as correntes e os gritos
Com a música de teus sonhos.

História sublinhada de coragem.
Resistência. Voz, superação.
Dignos de toda homenagem
Bravos guerreiros da nação.

Irmão meus da Negra ama.
Da mesma África ancestral.
Da mesma senzala capitalista.
Do mesmo sopro divinal.

Refugiados do medo

Refugiados do medo
Acorrentados pela ira
Sonhos, crianças e desejos
Decapitados todos os dias

Expulsos pela fome, pelos homens
Pela fome dos homens
Numa pátria abortiva
A esperança exilada

O poder engole o homem
Como a fome da fama a alma
O racismo a cólera a navalha
Dilacerando o riso de um rosto

Costurar sorrisos

costurar sorrisos

unir lábios e mentes
abolir o racismo
belos em sermos diferentes

emendar abraços
enrolar os cabelos
sem que doa os cotovelos
sentir o colorido dos braços

amar além das cores
do horizonte dos olhos
achar o tom e os sabores
nos diferentes e dispostos

Zumbi
Zumbi dos Palmares... Daqui!
Dos bravos homens sem cor.
Dos negros que enfrentam os mares
E caem nos braços da dor.

Traídos por gana voraz
Resistem como quem ama.
Nascido do pó e da lama
Cantam por liberdade.

Jogados pelas cidades
Outra espécie de escravidão.
A fome. O terrível capitão
Das ruas, senzalas frias.

Só as letras dão alforria
Que levam ao supremo.
Anulando todo veneno
De qualquer preconceito.

Só as artes alegam o peito
Destes guerreiros meninos.
Que além de tudo seguem sorrindo
Como se o mundo fosse perfeito.

O sonho ainda não morreu

Um dia acorrentados nos navios
Senhores da guerra, traficantes.
Hoje se amontoam nos mesmos
Livres, escravos imigrantes.

A miséria humana continua
Na senzala desse mundo capitalista.
Branco e negro esquecidos pelas ruas.
Por senhores de mentes paralíticas

Um dia trabalhos forçados
Hoje a falta de emprego nos consome
Um dia pela cor escravizados
Hoje cativos da fome

Filhos da interminável guerra dos homens
Mais uma vez tragados pelo mar
Mulheres e crianças engolidas vivas
Atravessando o pesadelo de sonhar.

Sonhar ainda que o impossível
Crer que nada se perdeu
Sonha apenas quem está vivo
Quem o sonho ainda não morreu.

César Monteiro

Princesas negras

Princesas Negras de Angola
Que as ondas do mar trouxe à praia
Quando os navios fantasmas de outrora
Atracaram em meu Pernambuco
Soluços de soro, risadas de lucro
Maria Felipa, Tereza de Benguela
Por tudo que nos une
No campo de batalha
Aqaltune, Dandara
Nossas mães, nossas guerreiras
Nossos mastros e bandeiras
Nossas musas de cor negra
Carolina, Luísa Nahin
A quem a História não deu fim
Nossa luta continua
Nos campos ou nas ruas
Pelo sangue em nossas veias.

Nos porões
Nos porões da mente humana
As correntes ainda gritam
Ao rangerem os dentes
De fúria, ferro em fogo.

Hoje ainda estalam as línguas
Como açoites de chicotes
Vozes que rasgam a pele
Enquanto a alma se contorce

Nos porões da sociedade
Navegam navios fantasmas
Cheios de sonhos roubados
Sedentos de nossas lágrimas

Mas não marchastes em vão Martim
Não fostes preso à toa Mandela
A marcha continua não tem fim
Pois nossa alegria não cabe numa sela

Nosso espírito jamais aprisionarão
Nem o canto no som de nossa voz
Somos negros na cor e na emoção
No orgulho que sentimos de nós

Quinhentos anos

Quinhentos anos de escravidão
Cinco séculos de resistência
Ao preconceito a opressão
Nossa cor não é doença

Doença é alguém achar
Que há raça, língua ou cor.
Sobre outra superior
Que a possa humilhar

Quinhentos anos de história
Podre como a política
Como a justiça parálitica
Numa sociedade Nóia

Nessa paranoia desumana
Podres seres racistas
De pus, fezes e lama.
Escravos da fama e da cobiça

Quinhentos anos de injustiça
De fome, estupro e pesadelo.
Gritos de dores e de conquistas
São gritos de afro-brasileiros

Nosso espírito é um sopro
Vento que não se acalma
Um dia escravos no corpo
Mas nunca escravos na alma

CIRANDA PARA NEGA FULO

(homenagem a Abelardo da hora)

Joguei a rede
Lá na praia de Olinda
Pescador de coisas finas
Quando vi você passou

Rendada saia
Pés descalços na areia
Linda como a lua cheia
Que no mar se levantou

Alvo sorriso
Preta tira meu juízo
Negra linda não faz isso
Que tu pega o pescador

De poesia
Fasso minha pescaria
Dia e noite, noite e dia.
Pra fisgar o teu amor

A tua boca
Esses teus lábios carnudos
Flor mais linda desse mundo
O teu cheiro e teu sabor

A tua boca
Esses teus lábios carnudos
Flor mais linda desse mundo
É você nega fulô

Sangue negro
Pretas, de sangue vermelho.
Como é, toda branca.
De sangue negro

Sigo teus passos
Ao longo da história
Sua tua memória
Tua descendente

Tua quilombola
No peito e na alma
Irmã de Dandara
Da nega fulô

Por baixo da pele
Por dentro das veias
Do osso ao tutano
Fui bronzeada

E assim tatuada
Sou branca e negra
Flor da amálgama
Noite e estrela.

Deus negro

Era um poema negro

A cruzar os desertos

Dos homens e da África

Um simples carpinteiro

Que ao talhar madeiras duras

Esculpia nossas almas

Era mais que um anjo

Muito mais que um arcanjo

Que nosso caminho cruzava

Irreconhecível na multidão

Mas estava ali

Como aqui, agora.

Tão simples

Que a visão não percebe

O que por traz da epiderme

Glorioso se move

O meu Deus...

Tinha a pele escura

Quando veio a terra

Que o chicoteou até a morte

Mas meu Jesus...

Não está na cruz

Era negro

E não tinha olhos claros

Após três dias o vi

Conversava com os amigos

Então percebi

Jesus está vivo.

No meio da multidão

Na oração dos olhares

Nas senzalas de meu coração

Abrindo caminhos nos mares.

Gabi

Gabi da pele preta

Alma de negra feliz

Beleza de quem se aceita

Inspiração que vem da raiz

Deveras havias de ser

Anjo negro deveras

Por tudo, por todas as dores.

Encenação e poemas

Lindas são todas as cores

Eu sei que você me acena

Preta é a pele que vim

Realizar os meus sonhos

Escrever a minha história

Tatuar com aquilo que sou

A pele de tua memória.

O punhal da língua

Tire sua roupa, vista minha pele

Tatuada pelos açoites da vida

Ouçã com meus ouvidos e então me diga

Se o punhal da língua não fere

Se os olhares impiedosos dos fantasmas

Famintos feito aves de rapina

Furam os olhos segam os sonhos das retinas

Sufocando nosso riso feito asma

Minha roupa de toda vida

Feito trapos esquecidas

Perseguida, marginalizada

Como meu cabelo, não te passo.

Ter visto assim como me acho

Armadura de carne viva.

Negra não é mulata

Negra não é mulata

Não é carne em prateleira

Não é esquema pra turista

Nem seus filhos alvos de atiradeiras

Negra não é posse, pra tua pose.

Não é pandeiro, pra tua mão.

O enredo que aqui nos trouxe

Pede urgente outro refrão

Negra é força, fé, paixão

Voz que o machismo não cala

Sequer abala nosso peito

Negra é flor que hoje exala

O perfume mais perfeito

Conhecimento

Negras de todas as cores

De todos os quilombos e nações

Herdeiras de dores e amores

Bradem a voz feito leões

Vos mães que choras

Por teus membros perdidos

Por teus filhos abatidos

Desde o jardim na escola

Consciência minhas pretas

Em vossas mentes há escopetas

O empoderamento letal da educação

Conhece a ti mesmo e te respeita

Mesmo assim te odiarão

Por que és bela, poderosa e preta

E ao invés de dor tens alegria

Conhecimento, informação

Munição, artilharia.

Pumas

Pumas negras perigosas

Sabiamente articuladas

Nunca mais serão cassadas

Mesmo sendo tão formosas

Tuas garras teus gemidos

Tua calda levantada

Sonho ser por te ferido

Ser tua fome saciada

Como presa encurralada

Pela mira de teus olhos

Deslizar por entre os poros

Por teus dentes e salivas

Orquídea negra

Preta flor do deserto

Pernas, hastes e sépalas

Pele de uma orquídea negra

Impossível não cheira La

Teu labelo, negra carne

Teus pelos, pólen que escondes

Epífita flor que nas grutas

Úmidas das serras te agarras

Formas lindas, cores raras.

Teu perfume tua essência

Cura-me a dor de tua ausência

Prende tuas raízes em minhas galhas

Entre o deserto e o mediterrâneo

Teus filhos estão morrendo ó mãe
Nos desertos dos desenganos
Metralhados por guerras absurdas
Ou sepultados pelo mediterrâneo

Já que o mundo não chora por ti
Choro eu que te pertença
Em cada verso que sangro
Meu negro empoderamento

Filhos teus, meus irmãos
Que a terra natal não acolhe
E se nos mares não morrem
À deriva viverão

Que não seja apenas utopia
Pretensiosos versos de um poema
Que a África que a gente ama
Volte a ser uma poesia.

Da raiz as pontas

Da raiz as pontas

Tua boca me rega

Teu cabelo me encanta

Negra floresta

Arvores que balançam

Sobre os poros e a relva

Do amor que a gente planta

Da raiz as pontas

Amo todo teu cabelo

Do volume as tranças

Ao mais oculto de teus pelos

Os que não saem de minhas lembranças

E não vejo a hora de revê-los.

Massapé 1

Do massapé fez se o corpo

Um poema de carne

Fez se o brilho de um povo

Que em muita gente arde

Do massapé a saudade

A liga que nos une

As formas os tons o perfume

A coroa em forma de cabelo

O ser ou não ser no espelho

Redescobrimo a poesia

Que de Pernambuco a Bahia

Encanta o mundo inteiro.

Massapé 2

Do massapé de teu corpo

Fiz um poema de carne

Lentamente, aos poucos

Parte por parte

Um verso estético

Daqueles que fura

É meu olhar poético

Sobre tua escultura

Mas foram teus pensamentos que um dia

Me fizeram ser homem

Então deixamos de ser carne

E viramos poesia.

Louco por tua Pele preta

Louco por tua pele preta

Teus tons miscigenados

Tuas curvas perfeitas

Teus cabelos enrolados

Quanto mais cresço

Mais crespo

Mais me enraízo

Quanto mais me conheço

Me tenho apreço

Me realizo

Gosto de teu cabelo assim

Enraizado em tua mente

Como pensamentos a floris

Para o alto e para frente.

Melanina

És em mim a melanina

O que tenho de forte

Meu surto, meu norte

Minha pele meus cabelos

Minha preta, poesia

Que em dores foi escrita

Sou o poeta que te recita

Negramente apaixonado

Por teus crespos versos libertados

Das raízes de tua mente

Fortes como tua gente

Como teus antepassados.

Consciência do mundo

Uma negra, uma Mãe, uma fortaleza

Desde criança ela luta

Com a consciência do mundo

E uma força que nunca a deixa

Uma preta, pela história torta

Ergue-se a cada tiro hipócrita

De línguas e olhares doentes

Imunes seguem em frente

Deixando-os latir La atrás.

Lindas pretas de meus ancestrais

Parteiras de meus pensamentos

és a raiz de meus pais

E eu, a semente dos tempos.

Ser mulher negra

Ser mulher negra é surreal

É transpirar beleza e alegria

Receber o que não daria

Jamais pagar o mal com o mal

Ser mulher negra é poesia

Transbordar amor na contenda

Nem todos que a ler talvez entenda

A arte que lhe desafia

Ser mulher negra é pesado

É carregar na pele um passado

Que se arrasta no presente

Mesmo assim como as valentes

Guerreiras de nossa história

Não mudamos a trajetória

Continuamos marchando em frente

Minha melanina

Minha melanina te saúda

Minha admiração te beija

Nos lábios, na nuca

Ou onde você deseja

Meu orgulho te abraça

Feito elos de uma corrente

Como chamas em brasas

Nossos corpos ardentes

Vulcões formando ilhas

Liquidificando os desejos

Derretendo nossas línguas

Nossos corpos em um beijo

Orquídea do desejo

Por entre as serras da volúpia

Sou um desbravador ousado

Escorrego em tuas grutas

Mas te colhendo com cuidado

Ao meu ébano te amarro

Te envolvo entorpecida

Acariciando-te com os lábios

E só pra mim te ver florida

Teu labelo negro

Entre pétalas inchadas

Flor de carne desejada

A orquídea dos desejos.

Do teu jeito

Me pegaste de jeito, Preta.

Numa emboscada de desejos

Ferido por tua boca num beijo

Esfaqueado por teus seios num abraço

Esganado pelos lábios de tua vulva

Após capotar em tuas curvas

Desfalecer sem dor em fim

Na concha nua de teus braços.

Pretas...

Preta, é a raiz de minha árvore
Cravada no massapê deste corpo.
Preta, é você que me ler
E ama ser este povo.

Preta, é a mulher que se liberta
Ama e protesta com excitação
É na concha do mundo ser pérola
E entre feras, uma domadora de leão.

Preta, é ser mais que atraente
É na vida ser forte
E entre os fortes, ser inteligente.

Preta, é a mulher que acorda em si
E passa a se amar
Como nunca amou ninguém.

Enegrecer

Quando uma preta enegrece

Ultrapassa a fronteira do belo

Seu corpo vira um castelo

Seus pensamentos guerreiros de libertação

Quando uma preta cava suas raízes com as mãos

Suas vestes viram bandeiras

Suas palavras lanças certas

Rasgando o presente e o futuro

Quando uma preta sente orgulho

De tudo que ela é

Brota no mundo outro tipo de mulher

Uma espécie rara de flor

Quando uma preta se dá valor

Não há quem apague seu brilho

É como ter o dedo e o gatilho

Apontados para o opressor.

Ser teu preto

Ser teu preto bastaria,

Te chamar de minha preta.

Guerreira, rainha.

Musa mais que perfeita.

Ser teu preto é ter a sorte

De viver alguém tão linda

E amar mulher tão forte

Ser teu preto é dormir nos braços da felicidade

Entre os mamilos de teus seios

E acordar com cheiro de saudade

Ser teu preto nessa guerra

Entre feras desumanas

Teu escudo e sentinela

Ser o preto que tu amas

Teu brinquedo, teu orgulho

Ser teu homem nessa cama.

Espumante

Com os versos de um poema

Penetro teu coração

E onde talvez não imaginas

Te penetro a língua e mão

Enquanto a poesia te rompe os tímpanos

Brindemos com os corpos e mente

E o liquido que sair de nossos poros

Seja a espuma de um champanhe indecente

Por fim transbordando desejos

Silenciado teus gritos com beijos

Tonto ainda de excitação

Acariciar como quem te acorda

Para uma nova emoção.

Fruta negra

Tua boca, esta fruta negra

Cuja a carne dos lábios me enlouquece

O peito acelera a língua adormece

Bebendo tua saliva como mel in atura

Insistindo em modelar tua cintura

Por mais que seja bela e perfeita

As curvas fortes a pele preta

O riso de teu umbigo gritando paixão

Beleza ardente, feroz tentação

Que fere meu corpo enquanto lateja

E o que sustenta tanta beleza

É a profundidade de tua raiz

Cravada na história, nos versos que fiz

Sobre teu corpo, sagrado poema.

Carne de minha carne

Ossos de meus ossos

Carne de minha carne

Todos os meus esforços

Meus versos, minha arte

Pele de minha pele

Braços de meu abraço

Preta de minha cor

Lábios de meus lábios

Preta, minha bela preta

Tuas ideias meus pensamentos

Um para outro foram feitos

Alma, corpo e sentimento.

O vinho

O vinho que cintila em teus olhos
Na taça negra de teu umbigo
Teus seios são uvas que imploram
E ao tocarem meus lábios acabam comigo

És como licor de jabuticaba
Doce, cheirosa, corrosiva
Pele macia, boca que embriaga
E me adormece a língua

Te bebo inteira, te chupo o caroço
Tua pele negra, teu pescoço
Fruta acida e lasciva
Quero te comer de novo.

Besouro

Hoje a senzala amanheceu agitada

Zum, zum, zum feito abelhas num exame

Gritos de guerra ao som do arame

Cujo o nome é senhor berimbau

Hoje tem capoeira, não chore preta.

Quem mexeu contigo hoje cai na roda

Na cor das cordas de teus pretos

Mais forte que o ferro das correntes

Amarradas nas cinturas de homens

Que mesmo sem armas são valentes

Não chora minha preta

O opressor não mais te toca

E quem te feriu com a boca porca

Há de na vida encontrar um besouro.

Berimbau

Canta meu berimbau de amor

Canta de dor e as vezes chora

Meu berimbau tem memória

Histórias que em meu peito aflora

Nessa luta eu não canso

Simplesmente danço

Nesse jogo eu balanço

Nessa grande roda...a vida

Tua cor meu irmão

Tem a força e a ginga

Minha Curica e Batinga

Meu quilombo e nação

Na palma da mão, na palma da mão

Mocambos de amor

Sementes de paz

Por meus ancestrais

Na roda estou

Com palmas de amor

Com palmas e dor

Com palmas de amor

Na roda estou.

Negro banto

Era um preto manso

Daqueles distintos

Que cabe em qualquer canto

Como um vinho tinto

Por isso meu espanto

Meu desatino

Mataram negro banto

Coração de menino

Resistência

Após rasgarem suas roupas
Quis ela arrancar sua pele com as unhas
Seu cabelo com as mãos
Sua dor com um poema

Poesia nas feridas da alma
Mercúrio na carne aberta
Onde os chicotes escrevem com sangue
Linhas de cicatrizes concretas

Só que Preta não é mulata
Não é propriedade nem mula
Preta tem sangue de raça
Beleza, Alma e Cultura

Tentaram tirar nossa liberdade
Rasgar o manto de nossa pele
Ferir nossos corpos com crueldade
Mesmo sabendo que não conseguem

Pois eles não conseguem

Impedir que nasçam pretas sábias
Lindas, doutoras, advogadas
De punho e canetas levantadas
Como uma voz que se ergue na multidão

Onde Preta renasceu
Amando o cabelo que é seu
A pele que lhe confere encanto

Preta, tua cor eu canto
Como o que há de mais bonito
Te declamo, te recito
Até que me cales com um beijo

Para que todos os racistas
Hipócritas e colonizadores
Releia nossos escritores
E nossa nova história

Resistência a toda hora
Capoeira até no espírito
Nossos corpos como gritos
De beleza e liberdade

Nos quilombos nas cidades
Galhos de uma mesma raiz
Prontos para ser feliz
E sair da marginalidade

Do berimbau a linguagem
Noutras rodas poesia
Ginga a vida todos os dias
Mas do meu mestre, herdei a paz.

Um poema para Shaira

Sou guerreira de meu povo

Honro a cor de minha pele

A faca de tua língua não me fere

Impulsiona ainda mais minha coragem

Raiz profunda sustenta minha imagem

Agarrada ao massapê de minha vida

Liberdade é o altar de minha lida

Étnicos sonhos de Princesa

Irmãs unidas lutaremos

Zurzir não mais nós ouviremos

Apenas o som de nossas palmas

César Monteiro Fausto

Preta pele

Tua pele é um canto negro

Cheia de versos e encantos

Pretas formas que beijo e canto

A tua poesia é perfeita

Ler teu corpo me fascina

Este poema de curvas pretas

Cuja leitura nunca finda

Pois te releio a noite inteira

Cada verso escondido em teus lábios

Poéticos fios de teus cabelos

As vírgulas sinuosas de teus pelos

E o ponto erógeno de teu umbigo.

Quitéria parteira

Quitéria Duvirgem

Mãe preta do quilombo

Parteira de minhas origens

Quando nascerem meus sonhos

Quantas vidas

Acolhestes em tuas mãos

Quantos destinos

Lestes através do umbigo

Cento e onze anos de encanto

Milhares de partos partidos

Cabelos como algodão no campo

Na árvore de teu corpo ainda erguido

Retinta

Quando Deus pintou teu corpo

A tua pele retinta

Usou a mais bela tinta

Nas mais belas modelos

Mas a inveja do mundo inteiro

Te castigou pelos quatro cantos

Ferindo teu sagrado manto

Com açoites e pesadelos

E quando o próprio filho a terra veio

Negro como a maioria dali

O chicotearam a sorrir

Como aos irmãos da senzala

Mas hoje a passarela se cala

Para coroar nossas meninas

Esbanjando a melanina

Dessas princesas negras.

César Monteiro Fausto (livro poético)